

Mais um dia de boatos no mercado financeiro fazem cair o ouro e o dólar

Uma combinação de focos de pressão altista — desconfiança em relação ao **overnight**, temor de forte aceleração da inflação, incertezas políticas com a proximidade das eleições e tudo o mais — contribuiu para alimentar expressivas altas de ativos reais como ouro e dólar.

Ontem, esses ativos revertiram a tendência de preços que vinham sustentando desde o último dia 15. Os comentários de que o Brasil teria fechado um acordo com o FMI, ao que tudo indica, parecem ter sido suficientes para neutralizar as pressões de alta: o preço do ouro teve desvalorização de 3,0% e o dólar, 3,5%.

A consequência disso é prejuízo para o investidor que entrou para esses mercados movido pelo entusiasmo das últimas arrancadas acreditando na persistência

dessa tendência. Uma perda que pode ampliar-se se os preços mantiverem a curva de queda desenhada ontem.

Em geral, o clima de incertezas político-econômica, como o que vive o País, leva os investidores a procurar refúgio nos mercados de ativos reais, especialmente o de ouro e de dólar, para proteger o dinheiro em situações de grande instabilidade. Mas esses segmentos são de risco mesmo: o aplicador pode embolsar polpidos rendimentos como amargar enormes prejuízos.

De todo modo, a trajetória de preços nesses segmentos especulativos não parece definida. Tanto é que os analistas de mercado se dividem em duas correntes. Para alguns, a escalada das cotações nos últimos dias não revelou nenhuma consistência, sen-

do muito mais reflexo de manobras especulativas do que propriamente da procura do investidor final.

Para outros, o tombo de ontem teria sido um ajuste técnico dos preços, após as sucessivas e fortes valorizações, o que significa que as cotações podem retomar a alta. Afinal, argumentam, todas as fontes de pressão que vinham impulsionando os mercados de ouro e dólar continuam aí.

Mas, apesar de opiniões e análises divergentes, há pelo menos um ponto em comum: o de que os mercados de ouro e dólar devem repetir novos solavancos em seus preços, pelo menos enquanto persistir o atual quadro de incertezas político-econômicas. (Leia, ainda, o SEU DINHEIRO na página 12.)

Tom Morooka